

Do matadouro a Porto de Santana

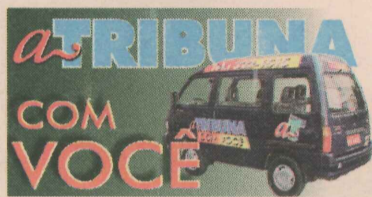
Moradores antigos contam como o bairro surgiu e as aventuras que enfrentaram com bois bravos e atravessando a baía

A formação do bairro Porto de Santana começou por uma imensa fazenda composta por pastos e um matadouro para o abastecimento de carne do município de Vitória, há mais de 50 anos.

Anos mais tarde, a chegada de novas atividades econômicas impulsionou o crescimento da região, atraindo migrantes de diversas partes do interior do Espírito Santo e de outros estados, como Minas Gerais e Bahia.

Sebastião da Silva nasceu em 1939 em Porto de Santana. Seu pai veio de Campos, no Rio de Janeiro, para trabalhar no matadouro. Naquele tempo, não existiam estradas. Para chegar a Vitória, era preciso atravessar de bote a baía.

Ser estudante representava uma aventura que começava nos primeiros anos da vida escolar. "Eram 40 minutos a pé para chegar à es-



cola mais próxima no bairro Porto Novo", contou Sebastião.

Além de atravessar parte do trecho coberto por mato, o estudante ainda precisava correr dos ataques do gado.

TRANSPORTE

Estudar era uma aventura que ficava mais animada ao se aproximar o final do curso primário, lembra Sebastião. "Como não existia coletivo, as crianças eram transportadas em botes até o bairro Santo Antônio em Vitória. Eram sete minutos de travessia numa viagem divertida para a turma jovem.

O crescimento do bairro ganhou impulso com a instalação da pedreira da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). Proveniente de Barra de Cuieté, Minas Gerais, o ferroviário Geraldo Fernandes Miranda foi um dos primeiros a se instalar na região.

"Enfrentei boi bravo e cobra para ficar próximo do trabalho na pedreira", contou o morador, que precisou aterrar uma área de mangue para construir sua moradia.

Na pedreira, o trabalho era duro. "Muitos ferroviários foram embora pois não suportaram o peso da atividade", disse.

O antigo morador ainda lembra das condições de pobreza das famílias instaladas na região, que teve a ocupação caracterizada pelas invasões. Anos mais tarde, Geraldo ajudou na conquista das escrituras dos lotes.

A Praça General Tibúrcio, onde nasceu o movimento comercial do bairro, acumula fatos folclóricos. Houve uma época em que era mais conhecida como "Espera Tapa". Isto porque tornaram-se comuns, nos finais de semana, as pequenas brigas entre os moradores. A motivação para as brigas eram os desentendimentos nos tradicionais jogos de malha e dominó da pracinha.



O mangue virou tema de trabalhos educativos

Passado marcado por protestos

Incentivados pelo desejo de justiça social, os moradores de Porto de Santana compuseram parte da história do bairro nas reuniões, passeatas e assembleias por melhores condições de vida.

A carência de atendimento das necessidades básicas levaram os habitantes à busca dos direitos através da mobilização popular. Ao longo dos anos, o impulso coletivo transferiu forças para o individualismo, afastando ou apagando lideranças comunitárias.

A partir do final da década de 70, moradia, transporte e saneamento básico eram algumas das reivindicações. Na época, se consolidou no bairro a Comunidade Eclesial de Base (Cebs) — um movimento da Igreja Católica visando à libertação

social na luta contra as desigualdades.

"A Cebs representava a palavra de Deus refletida na vida", contou uma das lideranças, Carlinda Januário do Rosário.

Mais envolvidas com as necessidades locais, as mulheres formaram grupos que difundiam as reivindicações por diversos bairros da região da Grande Porto de Santana.

"Na maioria das vezes, é a mulher quem enfrenta os problemas do dia-a-dia, seja na fila do posto de saúde ou na escola. As assembleias chegaram a reunir cerca de 150 mulheres", lembrou Carlinda.

Em meados da década de 80, num período eleitoral, os moradores se revoltaram contra a prática clientelista. Quem

lembra é um morador que preferiu não se identificar. Segundo ele, a comunidade se rebelou contra a troca do voto por cirurgias de laqueadura de trompa.

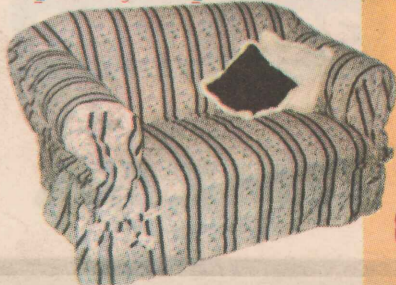
O movimento comunitário realizou uma pesquisa para constatar a situação. Cerca de 500 mulheres foram entrevistadas durante o levantamento.

Segundo o morador, "a maioria tinha entre 18 e 25 anos. Algumas mulheres que se submeteram à cirurgia em troca de compromisso político, nunca tiveram filhos".

Embora os motivos para a luta nunca se esgotem, os movimentos passaram por mudanças. "Muitas lideranças foram para os partidos políticos, afetando a credibilidade dos movimentos", disse Carlinda.

Capas para sofás.

A proteção que embeleza.



- Capas p/ poltronas e sofás.
- Laváveis.
- Tecido leve.
- Não são franzidas.
- Diversas cores e estampas.
- Pronta entrega.

329-9810

Show Decor Comércio Ltda

Rua Antônio Ataíde, 677 - Loja 11
Galeria Central - Vila Velha

PROJETO — A equipe de vendas do projeto **A Tribuna com Você** continua em Porto de Santana até amanhã para atender aos interessados em fazer a assinatura do jornal. Durante toda a semana, a equipe de reportagem esteve no bairro ouvindo dos moradores as histórias e os problemas de Porto de Santana.

Lição sobre ecologia

Crianças e adolescentes das escolas vizinhas ao bairro Porto de Santana transformam o aprendizado escolar em aula de preservação do mangue junto aos moradores da região.

Porto de Santana abriga uma importante área de manguezal. Mas, a ocupação desordenada do solo resultou na degradação do ecossistema, onde se origina 80% da vida marinha.

O desconhecimento dos moradores em relação à riqueza do meio ambiente, incentivou um grupo de professores a organizar um trabalho de educação ambiental.

A atividade nasceu nas Escolas Terfina Rocha Ferreira e Polivalente de Itacibá, com o objetivo de atingir os bairros abrangidos pelo Rio Itanguá, que deságua no mar, em Porto de Santana.

De acordo com uma das coordenadoras do trabalho de educação ambiental, a professora de Geografia Sirlei Lúcia Soprani Salsin, muitas espécies marinhas depositam seus ovos no mangue.

Além disso, no mangue vivem espécies como caranguejos, que para muitas pessoas são fonte

de alimento e de sobrevivência econômica.

Ao observar o desconhecimento da comunidade em relação à importância do mangue, o grupo resolveu desenvolver um trabalho a partir do imaginário de crianças e adolescentes.

Meninas e meninos transformaram-se em multiplicadores da idéia, a partir das impressões colhidas no contato com o meio ambiente e na sala de aula.

Eles saem do espaço escolar levando mensagens sobre o manguezal. As atividades incluem produção de textos sobre o tema e distribuição de panfletos educativos, mostrando como o morador degrada o ambiente onde vive, depositando o lixo que produz de forma desordenada.

Desde 1991, o trabalho já envolveu 800 estudantes. De acordo com a professora de História da Escola João Crisóstomo Beleza, de Porto de Santana, Luzia Pereira de Oliveira, a intenção é ampliar o trabalho para outras escolas. "Mas dependemos de mais apoio do governo", reivindicou.